

**MULHERES CABO-VERDIANAS EM FRANÇA:  
PERCURSOS PÓS-COLONIAIS E PROJETOS FAMILIARES  
TRANSNACIONAIS<sup>(1)</sup>**  
CAPE VERDEAN WOMEN IN FRANCE: POSTCOLONIAL  
JOURNEYS AND TRANSNATIONAL FAMILY PROJECTS

SÓNIA FERREIRA  
NOVA FCSH, CRIA  
sonia.ferreira@fcsh.unl.pt  
<https://orcid.org/0000-0002-7215-3212>

Texto recebido em / Text submitted on: 30/09/2025  
Texto aprovado em / Text approved on: 25/02/2026

## **Resumo**

Este artigo analisa as trajetórias de vida de mulheres cabo-verdianas residentes em Paris e, a partir destas, discute a presença cabo-verdiana em França nas suas múltiplas e complexas realidades. As três histórias de vida apresentadas permitem examinar a realidade migratória cabo-verdiana na Europa atual e a sua capilaridade construída sobre extensas redes familiares. Simultaneamente, confere visibilidade ao estudo da migração feminina, área histórica e sociologicamente negligenciada, discutindo a configuração da imigração feminina e o lugar das mulheres migrantes na sociedade cabo-verdiana e na diáspora, bem como o lugar das estruturas de parentesco e da organização familiar nestes complexos processos de mobilidade.

---

(1) Este artigo foi financiado pela FCT, I.P. no âmbito do plano estratégico do CRIA, Centro de Investigação em Antropologia (UID/04038/2025).

## **Palavras-chave**

Migração; género; França; Cabo-Verde; transnacionalismo.

## **Abstract**

This article analyses the life journeys of Cabo Verdean women living in Paris, and, from these, discuss the Cabo Verdean presence in France in its multiple and complex realities. The three life stories presented allow an examination of the Cabo Verdean migratory reality in Europe today, and its capillarity built on extensive family networks. Additionally gives visibility to the, historically and sociologically, neglected female migration field study, discussing the configuration of female immigration and the place of migrant women in Cabo Verdean society and in the diaspora, and the place of kinship structures and family organisation in these complex mobility processes.

## **Keywords**

Migration; gender; France; Cabo Verde; transnationalism.

Como Jan Lucassen, Leo Lucassen e Patrick Manning salientam, «migration is the talk of the town. It is difficult to read a newspaper without stumbling upon the ubiquitous phenomenon of human geographical mobility, its consequences and the reactions it provokes» (Lucassen et al. 2010: 3). Na sociedade cabo-verdiana, que tem vivido fluxos migratórios desde, pelo menos, as rotas transatlânticas do comércio de pessoas escravizadas, a questão da migração tem também sido sempre um fenómeno omnipresente (ib.). Por outras palavras, poucos países no mundo foram tão profundamente moldados pela migração como Cabo Verde (Carling, Batalha 2008: 13).

A população migrante cabo-verdiana, espalhada por 40 países em cinco continentes (Góis 2006: 25), tem sido analisada através de diversas grelhas classificatórias, onde se incluem as categorias de migração forçada/escravatura, migração imperial/colonial e migração laboral, dependendo do contexto histórico em foco. Caracterizar e quantificar estes movimentos migratórios tem-se apresentado como particularmente complexo devido à sua longevidade e extensa dispersão geográfica (Carreira 1982). No entanto, a migração tem desempenhado um papel tão fundamental na história de Cabo Verde que é considerada um

elemento estruturalmente constitutivo da sua sociedade (Andrade 1995), na forma de uma «ideologia migratória» no sentido evocado por Carling e Åkesson (2009).

Em 1975, ano em que Cabo Verde se torna independente, Cardina e Rodrigues referem como a população do arquipélago seria inferior a 300 mil habitantes. Em 2021 já andaria nos 500 mil, no entanto a este valor acresce um milhão de cabo-verdianos e seus descendentes a viver fora do território, um agregado populacional, nacional e transnacional, onde «a dimensão insular, uma secular carência económica e a relativamente pequena dimensão dos territórios fazem com que as redes de cumplicidade, familiaridade e solidariedade sejam estruturantes no arquipélago e também nas distintas diásporas.» (Cardina, Rodrigues 2023: 14).

Em termos de padrões migratórios, Andrade (1995) identifica dois fluxos distintos. O primeiro, designado por «antigo», associado à presença portuguesa na África Ocidental, num período anterior à partilha colonial europeia do continente e que envolve principalmente a migração para a Guiné-Bissau, o Senegal e os Estados Unidos. E um segundo, denominado de «moderno», que surgirá no início do século XX e que se expandirá significativamente após a Segunda Guerra Mundial, compreendendo vários países europeus<sup>(2)</sup>. No caso específico da migração que se dirigirá para a Europa, os fluxos iniciais irão concentrar-se maioritariamente em cidades portuárias e regiões piscatórias, como Roterdão (Países Baixos), Antuérpia (Bélgica), Hamburgo (Alemanha) e Gotemburgo (Suécia). Estendendo-se posteriormente a outras partes da Europa, como Portugal, França e Itália, bem como, através do Atlântico, para a Argentina e o Brasil. O Boletim *Migrações*, publicado pelo Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde (2022: 96), relata que, entre 16 de junho de 2016 e 15 de junho de 2021, Portugal (61,9% de um total de 17 961 indivíduos), os Estados Unidos (17,8%) e França (6,6%) continuaram a ser os principais destinos da emigração cabo-verdiana. No entanto, a investigação académica sobre a migração cabo-verdiana em França continua a ser bastante circunscrita (Vieira 1997, 1998; Meintel 2002; Tavares 2018), apesar da presença estabelecida deste grupo no país desde, pelo menos, a década de 60 do séc. XX.

---

(2) Deve-se notar que, em geral, diferentes ilhas correspondem a diferentes destinos migratórios. Para uma ilustração de como a geografia das conexões transnacionais varia de ilha para ilha, ver Carling 2003.

O presente texto pretende contribuir para a análise dessa migração, apresentando as trajetórias de vida de três mulheres cabo-verdianas residentes em Paris, procurando observar como a migração feminina desafia as múltiplas e complexas realidades dos modelos patriarcais tradicionais, instigando transformações nos papéis de gênero e na organização familiar. As mulheres cabo-verdianas assumem frequentemente, em contexto migratório, o papel de provedoras financeiras, sendo, simultaneamente, as responsabilidades em torno do «cuidado» redistribuídas entre os membros femininos da família alargada, reforçando as estruturas familiares matrifocais. Este fenómeno acentua a relevância da análise da migração na intersecção com as dinâmicas de gênero e na reconfiguração dos papéis familiares em contextos transnacionais.

As três narrativas de vida apresentadas permitem: (a) analisar a dinâmica contemporânea da migração cabo-verdiana na Europa, enfatizando a sua capilaridade através de extensas redes familiares; (b) examinar a migração feminina e o papel das mulheres migrantes cabo-verdianas tanto na sua sociedade de origem como na diáspora; (c) investigar a importância das estruturas de parentesco e da organização familiar na configuração destes complexos processos de mobilidade.

A organização do texto a partir de três exemplos empíricos advém de uma escolha metodológica que pretende privilegiar a «descrição densa» (Geertz 1973) e a profundidade interpretativa, que permite aferir o cruzamento entre estrutura e agência nas diversas camadas de significado que compõem o tecido social. Não procurando fazer destes registos biográficos exemplos que esgotem as modalidades e configurações da migração cabo-verdiana em França, a sua individualidade procura, acima de tudo, proporcionar densidade analítica e uma abordagem metodológica intensiva (Bertaux 1981) a cada biografia apresentada. Neste caso, identificando redes de circulação transnacional, regimes de fronteiras, processos de racialização e economias morais da mobilidade.

### **A migração cabo-verdiana em França**

Para compreender as histórias de vida apresentadas, é necessário perceber o contexto mais vasto em que estas se integram, ou seja, a migração cabo-verdiana na Europa e, de forma mais concreta, em França.

Cabo Verde ocupa um lugar específico na configuração ideológica do império português (Neto 2008). Nomeadamente, o facto de ter sido instrumentalizado como paradigma da colonização multirracial pelo regime ditatorial do Estado Novo e, no âmbito do colonialismo tardio português, configurar uma «utopia luso-tropical», contrariando algumas das interpretações do próprio Gilberto Freyre (Castelo 1999).

Simultaneamente, e contrariamente a outras populações do império africano, os cabo-verdianos não eram classificados pelo regime como indígenas, mas como cidadãos, pois em 1822 foi atribuída a nacionalidade portuguesa a todos os habitantes de Cabo Verde<sup>(3)</sup>. No entanto, esta cidadania não era plena, havia desigualdades de acesso, por exemplo, à ocupação de cargos na administração pública, entre os portugueses da metrópole que viviam nas ilhas e a população cabo-verdiana (Amado 2019: 84; Fikes 2009).

Nesse sentido, e estando já presente em território metropolitano desde, pelo menos, a década de 60 do séc. XX, um forte fluxo migratório originário de Cabo Verde – pois existia «uma política colonial de imigração, que facilitava a mobilidade de mão-de-obra de Cabo Verde para a metrópole, incluindo cabo-verdianos que se encontravam nas outras colónias portuguesas» (Carita, Rosendo 1993: 142) – uma parte substancial dessa população, e outra que entrará em Portugal com esse propósito, integrará historicamente o fluxo migratório português para França das décadas de 1960 e 1970<sup>(4)</sup>. Este, ao ser constituído maioritariamente por uma migração irregular, não permite uma contabilização efetiva do número de indivíduos em mobilidade. Isto, em termos latos, significa que não é possível desagregar dados gerais para obter números de entradas ou, de forma mais específica, tendências por género, faixa etária ou região de origem, sendo que, mesmo após este período inicial, Portugal continuou a ser frequentemente uma plataforma de circulação da imigração cabo-verdiana para a Europa (Góis 2006). Estes novos fluxos, apoiam-se na pré-existência de redes sociais e familiares

---

(3) Mais tarde, o decreto ministerial de 6 de fevereiro de 1929 cria uma distinção entre os povos colonizados, diferenciando «indígenas» e «não indígenas». A Carta Orgânica do Império Colonial Português (1947) exclui os cabo-verdianos da classificação de «indígenas», juntamente como as populações do Estado da Índia (Goa, Damão e Diu) e de Macau. (Ferraz de Matos 2006: 62-68).

(4) Para uma reflexão sobre o fluxo migratório português para França, entre 1957 e 1974, ver Pereira 2014.

que facilitam ou proporcionam o acolhimento, e interligam-se com os diferentes contextos políticos e jurídicos que têm definido a circulação de migrantes de países terceiros dentro da União Europeia (UE).

Ser detentor de uma nacionalidade europeia permite não só o acesso ao espaço europeu, como a possibilidade de livre circulação no seu interior. A mobilidade dos cidadãos europeus no espaço Schengen é um tema que merece atenção específica, uma vez que o seu cálculo e mapeamento devem ser acompanhados por uma leitura crítica das várias conjunturas legislativas que definem a construção do projeto político europeu e a circulação intraeuropeia dos seus nacionais. Como salientam Ahrens et al. (2016: 1-2), em 2000 estimava-se que cerca de 6 milhões de cidadãos europeus viviam num Estado diferente daquele da sua nacionalidade, um número que 10 anos depois, em 2011, tinha aumentado para 12,8 milhões. Como afirmam os autores, este grupo é composto principalmente por indivíduos nascidos na Europa que viajam para estudar, trabalhar ou aposentar-se. No entanto, cerca de 11,9 milhões de nacionais de países terceiros naturalizados, também se deslocam pela Europa como «novos cidadãos da UE» (Van Hear, Lindley 2007, citados em Ahrens et al. 2016), e pouco se sabe sobre estes, tanto em termos quantitativos como qualitativos. Os cabo-verdianos com nacionalidade europeia integram estes fluxos<sup>(5)</sup>.

O projeto JODIA, realizado no CIES/ISCTE em Lisboa, em 2004 (Machado 2009) analisa os processos de migração e remigração de jovens dos Países de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), com antecedentes de imigração, mostrando que, em 72,6% dos casos, estes jovens afirmam ter familiares noutros países europeus, sendo a França o país mais citado pelos inquiridos (33,9%). E neste âmbito, são os jovens de origem cabo-verdiana os que apresentam a maior percentagem de familiares na Europa, com 87%. Muitos destes jovens afirmam mesmo ter vivido temporariamente no país onde residem esses familiares, o que, como argumenta Fernando Luís Machado (2009), demonstra que os

---

(5) Numa edição recente da revista *Hommes & Migrations* (nº 1341, 2023), os autores do dossier intitulado “Revisiter les migrations européennes” não só traçam um panorama dos trabalhos recentes sobre esta questão, como salientam a necessidade de continuar a examinar o que tem sido, desde há muito, um «ponto cego» na investigação: a migração intraeuropeia, seja histórica ou contemporânea, e a sua relação com o contexto político, económico e social europeu, bem como com a migração proveniente de países terceiros.

imigrantes dos países PALOP e os seus descendentes se europeizaram verdadeiramente, no que diz respeito à mobilidade.

Fora do contexto lusófono, outro fluxo migratório que deve ser considerado na análise das populações cabo-verdianas em França é o que está associado a processos de remigração a partir do Senegal. O que Vieira (1998: 56) descreve como aqueles que chegam ao «solo europeu por uma rota indireta», como os «cabo-verdianos de Dakar» que trabalhavam para famílias de colonos franceses e, após o processo de descolonização do Senegal, entram em França com os seus empregadores. Igualmente, desde a independência de Cabo Verde em 1975, outros migrantes chegam a França a partir diretamente do arquipélago, muitas vezes para se juntar a redes familiares já estabelecidas em solo europeu.

Sobre esta realidade, os dados estatísticos disponíveis diferem significativamente entre as várias fontes e autores. Como Vieira salienta,

on a beaucoup de difficultés à mesurer ces migrations rendues complexes d'abord par leur dimension multipolaire, ensuite par l'utilisation de passeports différents au moment du départ (portugais, capverdiens, français, sénégalais) et enfin par la nature des réseaux de travail, familiaux ou clandestins (Vieira 1998: 57).

Em França, os dados estatísticos sobre a imigração são frequentemente insuficientes para uma caracterização sociodemográfica aprofundada, agravada pelo facto de algumas populações não terem existência burocrática formal devido a situações sociais complexas ou de irregularidade. No caso da nacionalidade cabo-verdiana, só a partir do recenseamento populacional de 1982 é que esta passou a ser tida em conta nas estatísticas oficiais francesas (Vieira 1998: 57). Esta situação levanta questões cruciais sobre a análise de fontes nos estudos migratórios, assim como sobre os mecanismos de contabilização das populações migrantes e estrangeiras.

Podem encontrar-se assim muitas discrepâncias nos dados. Em 1989, Diehl et al. (1989: 23) estimaram a presença de 15 000 a 17 000 cabo-verdianos em França, a segunda maior «comunidade» cabo-verdiana na Europa, apenas superada pela de Portugal (50 000/55 000)<sup>(6)</sup>. Em 2002, Meintel referia a existência de 30 000 a 40

---

(6) Seguida dos Países Baixos (12,000/13,000) e de Itália (7000).

000 cabo-verdianos em França<sup>(7)</sup>. Os inquéritos TeO1 (2008-2009) e TeO2 (2019-2020) – o inquérito *Trajectoire et origines* – em França não discriminam os dados relativos à população cabo-verdiana e nos recenseamentos do INSEE (França), os cabo-verdianos aparecem na categoria «África, excluindo o Magrebe», «outros países africanos» ou «outras nacionalidades africanas».

Geograficamente, em França, uma vez que a migração é tanto movimento como assentamento (Héran 2016: 8), os cabo-verdianos, tal como outras populações migrantes, concentram-se principalmente nas áreas urbanas e industrializadas da região da Île de France e arredores (Vieira 1998: 60). No entanto, como mencionado acima, não existem estatísticas detalhadas que permitam fornecer dados históricos e sociológicos aprofundados sobre esta população e a sua fixação territorial. Meintel (2002: 36-37) salienta, no entanto, a sua grande mobilidade interna em França (Amiens, Nice), devido à pobreza e às dificuldades de habitação, e salienta que a população cabo-verdiana também se desloca por outras cidades da Europa Ocidental, seguindo oportunidades de emprego e utilizando redes de parentesco e outras relações sociais, assim como a possibilidade de circulação dentro da União Europeia. Menciona ainda o facto de muitos cabo-verdianos em Portugal terem cidadania portuguesa, o que lhes permite circular livremente no espaço Schengen. Segundo estes autores (Meintel 2002; Lesourd 2005), a maior liberdade de circulação no espaço europeu conduz também a uma maior dispersão familiar, com membros da família a viver em diferentes países europeus. Isto, por sua vez, cria uma mobilidade intraeuropeia própria, já mencionada no projeto JODIA, em que a circulação envolve também, para além de fluxos migratórios mais longos ou mais curtos, visitas a familiares em ocasiões especiais, como casamentos e batizados, ações que visam reforçar os laços familiares e de reciprocidade.

---

(7) Muitas vezes, os autores referem-se à dimensão da presença cabo-verdiana em França sem apresentar estatísticas concretas ou apenas referindo-se a estimativas de outros autores e não diretamente de fontes primárias (Vieira 1998; Meintel 2002). Em 2002, Meintel aponta para um valor entre 30 000 e 40 000 indivíduos, segundo informações fornecidas pelo cônsul cabo-verdiano em Paris e por líderes de associações no país. Alguns dos dados estatísticos analisados pelos investigadores foram recolhidos pelo agora extinto IAPE – Instituto de Apoio à Emigração, em Cabo Verde.

## **Mulheres cabo-verdianas em França**

Se a análise sobre a migração cabo-verdiana em França é bastante circunscrita, o enfoque nas questões de género é praticamente inexistente. Os dados não apresentam informações sobre a feminização do fluxo migratório, o reagrupamento familiar ou o casamento transnacional, para assinalar apenas alguns exemplos.

Neste quadro, e numa perspetiva interseccional, a antropologia levantou questões importantes nas últimas décadas (Donato et al. 2006) sobre como o processo migratório é um fenómeno necessariamente percorrido pelas questões de género. Estas, entendidas como relacionais e situacionais, assumem ainda frequentemente em contexto migratório um carácter transnacional no qual os contextos coloniais são o pano de fundo que define as diferentes «gendered geographies of power» (Mahler, Pessar 2006).

A mudança de foco dos migrantes masculinos – as macro explicações para a imigração frequentemente ligadas à industrialização reforçavam o foco no trabalho masculino, principalmente dos trabalhadores fabris – para a «descoberta» das migrantes femininas complica a visão monolítica da «classe trabalhadora», dando visibilidade a diferentes mercados de trabalho, formas de opressão e agência (Green 2012). A ideia de que os séculos XIX e XX foram a «era da migração masculina em massa», seguida pela «feminização da migração» no século XXI, é questionada, pois as mulheres foram frequentemente os principais envolvidos nesses processos de migração massiva. Nesse sentido, é importante salientar o lugar das mulheres nos movimentos migratórios, não as apresentando apenas como agentes passivas que ladeiam os parceiros masculinos, mas ressaltando as especificidades de alguns padrões de migração feminina e das suas experiências particulares.

O presente texto procura contribuir para estes debates, dialogando com as análises existentes sobre mulheres migrantes cabo-verdianas em Portugal (Challinor 2018), Espanha (Oca 2015) e Itália (Évora 2007; Lobo 2020a; Silva, Jesus 2020), bem como com os dados recolhidos a partir do seu lugar de origem em Cabo Verde (Grassi 2003; Lobo 2007, 2020b), nomeadamente no âmbito do designado «homeland transnationalism» (Åkesson 2008). Além disso, procurará situar as suas conclusões no âmbito de discussões académicas mais amplas sobre a migração africana em França, particularmente através das perspetivas antropológicas oferecidas por Kuczynski e Razy (2009).

A transição dos Estudos da Mulher para os Estudos de Género na década de 1990 revela como a construção social da masculinidade e da feminilidade não é monolítica nem universal, tornando necessário compreender as questões específicas de género no âmbito das experiências migratórias, assim como as relações e identidades de género como realidades matizadas e relacionais, caracterizadas por fronteiras difusas e processos negociados. No caso das migrações cabo-verdianas, como Grassi e Évora salientam na introdução a uma coleção sobre género e migrações no arquipélago,

a inserção da problemática do género no estudo da migração introduz um elemento mais na compreensão das lutas simbólicas que os diferentes participantes da experiência migratória empreendem para estabelecer o monopólio do tipo de capital que o campo migratório produz (2007: 18).

Isto permite uma análise mais complexa da migração cabo-verdiana, tanto em termos gerais como em contextos em que está associada a um fluxo migratório feminizado<sup>(8)</sup>, em que o género pode servir como uma das estruturas interpretativas da realidade local e transnacional.

Como as autoras acima referidas reafirmam,

a pertinência do género na compreensão da cultura cabo-verdiana prende-se grandemente com a posição que a mulher assume na estrutura familiar daquela sociedade, que lhe atribui a responsabilidade para o sustento e a reprodução do agregado (Grassi, Évora 2007: 13).

Esta forma de estruturar as relações sociais é replicada nos contextos migratórios. Até à década de 1980, a emigração cabo-verdiana era maioritariamente masculina, com exceção da migração para Itália, que era marcadamente feminina (Grassi 2007). O fluxo intenso de mulheres para Itália, que começou na década de 1960, alargou-se posteriormente a Portugal, França e Países Baixos (Grassi 2007: 34), em alguns casos em contexto de reagrupamento familiar. Referindo-se à ilha da Boa Vista – embora também aplicável a outras ilhas –, Lobo observa que «as mulheres partilham do *ethos* da emigração como alguma coisa que é, a um só tempo, natural e necessário» (Lobo 2007: 170), argumentando que

---

(8) Como é o caso de Nápoles e Roma, em Itália, e Madrid, em Espanha.

homens e mulheres estabelecem uma relação diferente de compromisso com aqueles que ficam e salientando que, embora a migração feminina implique reorganizações no quadro familiar e doméstico, as mulheres nunca perdem a centralidade no seio da família transnacional. Na mesma linha argumentativa, Trovão menciona como as mães cabo-verdianas com quem trabalhou pertencem a uma «long-time labour diaspora supported by transnational family ties that guarantee the circulation of people, goods, values and practices between the country of origin and various diasporic spaces» (Trovão 2016b: 4).

A questão transnacional trespassa a maior parte das questões levantadas por estes autores e Meintel (2002) assinala a profundidade histórica e a longevidade do transnacionalismo cabo-verdiano<sup>(9)</sup>. Apresentando o exemplo de outros grupos migrantes, como os chineses, argumenta que ambos são precursores ou fundadores *avant la lettre* da mobilidade hoje chamada de transnacional (Basch et al. 1994). Analisando as fases iniciais do transnacionalismo cabo-verdiano, Meintel (2002: 39) argumenta que as novidades que podem hoje ser encontradas são: 1) a diversificação do género, classe, local de origem e destino dos migrantes; 2) a intensificação do contacto entre os locais de partida e de origem, mas também o aumento progressivo do contacto entre os espaços diaspóricos; e 3) o papel desempenhado pela emigração na política interna e externa de Cabo Verde. Simultaneamente, Carling (2017) enfatiza a discussão sobre os lugares como fragmentações do espaço nos processos de mobilidade das famílias cabo-verdianas, embora, acima de tudo, e como assinala Drotbohm (2020), o mais relevante nestes processos seja o questionamento do que «significa família», tanto do ponto de vista dos migrantes, como do ponto de vista normativo e jurídico.

O conceito de diáspora, tal como o de transnacionalismo, surge frequentemente na caracterização da realidade migratória cabo-verdiana, no entanto, tal como o primeiro, apresenta dificuldades operacionais e teóricas na sua adequação e alguns autores sugerem a utilização alternativa do conceito de «comunidades transnacionais» (Góis 2006) para descrever a realidade migratória cabo-verdiana. Como «awkward dance partners» (Faist 2010), diáspora e transnacionalismo são contudo frequentemente

---

(9) A autora utiliza como material para reflexão empírica a sua investigação em Cabo Verde – nas décadas de 1970 e 1990 – e com migrantes cabo-verdianos nos EUA (Boston-Providence), Canadá (Toronto) e França (Paris) no final da década de 1990 (1996-1999).

utilizados de forma intercambiável, embora reflitam genealogias intelectuais distintas, tanto acadêmica como politicamente. Por vezes, são igualmente apropriados como categorias *emic* pelos próprios migrantes, e assim variadíssimas populações têm utilizado o conceito para defender os seus direitos, organizar os seus movimentos nacionais ou afirmar os seus interesses comuns, para além de quaisquer distâncias geográficas e históricas que possam opor os seus membros. No caso específico das migrações cabo-verdianas, Góis, que estudou o seu estabelecimento em Portugal e nos Países Baixos, considera que o termo mais adequado seria o de «(...) comunidades transnacionais, assentes sobretudo, na sua vertente laboral deslocalizada», consolidadas ao longo do século XX, «dando lugar a uma geografia multipolar que em muito se assemelha a uma rede, com nodosidades de importância historicamente variável» (Góis 2006: 27). O autor enfatiza, assim, a natureza multipolar desta migração, com «nós» que se formam em determinados locais, muitas vezes associados a núcleos familiares alargados, mas que não são necessariamente estáveis ao longo do tempo. Como se verá, estas características são assinaladas pela maioria dos autores que trabalham sobre este grupo migratório e podem ser identificadas nas biografias que este texto apresenta.

### Três histórias de vida

Nesta secção pretende-se discutir de forma mais detalhada as biografias de três mulheres migrantes cabo-verdianas, residentes em Paris e cujos trajetos de mobilidade exemplificam a título micro e individual, geografias mais alargadas de poder e a sua inscrição na história pós-colonial europeia.

Das três mulheres que serão mencionadas neste texto<sup>(10)</sup>, uma tem nacionalidade cabo-verdiana (Eugénia), outra tem nacionalidade portuguesa e ascendência cabo-verdiana (o pai e a mãe têm nacionalidade cabo-verdiana) (Fátima) e a terceira tem nacionalidade cabo-verdiana e italiana (Fernanda). Todas as três se identificam como cabo-verdianas. Todas as três são da ilha de Santiago e são mulheres badiu<sup>(11)</sup>.

---

(10) As entrevistas tiveram lugar em Paris (França), entre 2020 e 2022. Para manter o anonimato, foram utilizados pseudónimos para todas as entrevistadas.

(11) Geograficamente, as ilhas do arquipélago de Cabo Verde dividem-se nas ilhas do Barlavento, a norte (Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Sal e Boa Vista), e nas ilhas do Sotavento, a sul (Santiago, Brava, Fogo e Maio). As populações destes dois grupos de ilhas

O local de encontro com as três foi uma *épicerie fine* portuguesa em Paris, propriedade de Fátima e onde Eugénia e Fernanda trabalhavam pontualmente. Neste estabelecimento comercial, tanto o nome como a seleção de produtos remetem para o consumo elitista de produtos étnicos portugueses<sup>(12)</sup> e, entre os clientes, contam-se residentes do bairro (franceses ou de outras nacionalidades) que procuram descobrir ou voltar a consumir produtos da gastronomia portuguesa (bem como louça e pequenas peças de artesanato), e migrantes portugueses e cabo-verdianos. Os portugueses são, na sua maioria, residentes no bairro; os cabo-verdianos vivem no bairro ou noutros locais, e fazem maioritariamente parte da rede social da proprietária. O primeiro grupo – residentes do bairro (franceses ou de outras nacionalidades) – são clientes no sentido formal do termo; o segundo – migrantes – além de adquirirem bens de consumo, utilizam maioritariamente o espaço como ponto de encontro e de confraternização.

As histórias de vida aí recolhidas permitiram uma análise das estratégias que estas três mulheres migrantes empregavam para se envolverem em grupos ou comunidades de pertença transnacional.

Fernanda nasceu em 1982 em Cabo Verde, onde viveu até aos 24 anos. A sua irmã mais velha emigrou para a Holanda, com o pai, quando esta tinha quatro anos e, de lá, também com ele para os EUA. Fernanda emigrou pela primeira vez aos 24 anos para se juntar a ambos nos EUA, onde trabalhou em duas fábricas. Não gostou do país, onde viveu durante seis meses, e regressou a Cabo Verde. Mais tarde, aos 30 anos, partiu para França. A sua decisão de migrar para a Europa deveu-se, em parte, ao facto

---

falam dois tipos diferentes de crioulo (ou língua cabo-verdiana): o sampadjudo no Barlavento e o badiu no Sotavento. Esta divisão linguística está também associada a diferenças culturais e a processos de racialização, uma vez que as populações do norte são consideradas «mais brancas» devido a uma ocupação mais «europeia» do território e as do sul «mais negras», devido a uma maior ocupação territorial por populações da África continental. Esta divisão regional também pode ser encontrada nos contextos migratórios. D’Hombres e Pons (2014: 8) mencionam como, em Marselha, esta diferenciação é visível nas redes de pertença e sociabilidade, acompanhada por desvalorizações mútuas entre os grupos.

(12) Nos últimos anos, surgiram vários estabelecimentos similares em Paris, associados ao impulso que a migração francesa para Portugal ganhou, bem como à importância de Portugal como destino turístico para o público francês que, ao regressar, procura produtos que consumiu durante as férias. O projeto “COMPOR - Coisas de Portugal: negociações identitárias e usos de cultura material portuguesa num quadro de migrações transnacionais” (2023, IN2PAST), coordenado por Filomena Silvano (CRIA NOVA FCSH) e no qual a autora é investigadora, analisa estas questões.

de ter herdado a nacionalidade italiana do avô paterno. Partiu sozinha, fixando-se pela primeira vez nos arredores de Paris, em Champigny, e mais tarde na região vinhateira de Champagne-Ardenne. Após um ano, contactou a família que tinha em França e partiu para Paris, onde viveu com uma tia durante quatro anos. Durante esse tempo, trabalhou no serviço de cuidado a idosos e, mais tarde, na *épicerie* portuguesa, cuja proprietária é sua prima (Fátima). Viaja entre França, Cabo Verde, os EUA – onde esteve para o 90.º aniversário da sua avó paterna –, os Países Baixos – onde visita uma irmã – e Portugal – onde atualmente não tem família, pois os parentes que tinha em Portugal emigraram para França há 20 anos.

Eugénia tem uma história diferente para contar. Nasceu em Cabo Verde em 1969. Tem cinco irmãs e dois irmãos. Viveu em Cabo Verde até aos 20 anos, altura em que emigrou para a Holanda para estar com a mãe; em 2004, remigrou da Holanda para França. A mãe tinha emigrado para a Holanda quando Eugénia tinha dois anos e esta ficou em Cabo Verde com a avó materna, não voltando a ver a mãe até aos 15 anos. A mãe emigrou primeiro para Itália e depois para a Holanda, onde casou e teve quatro filhos, tendo-se depois divorciado. Eugénia tem família em Cabo Verde, Portugal, Holanda, França e Luxemburgo.

Fátima nasceu em 1974, em Portugal, de pais cabo-verdianos e tem nacionalidade portuguesa. Possui dois irmãos (um da mesma mãe e pai, o outro – falecido – apenas do pai) e emigrou para França aos 22 anos. A mãe tinha 17 anos quando emigrou para Portugal, percurso que o pai empreenderá também após cumprir o serviço militar. Os pais de Fátima separaram-se quando esta tem 15 anos e a mãe emigra para França, onde dispõe de família e amigos. Os filhos do casal ficaram com o pai durante algum tempo, emigrando posteriormente para França para se juntarem à mãe. Fátima vai de férias a Paris pela primeira vez em 1992 e fixa-se definitivamente em 1996. Resume:

Eu vim com a perspectiva de acabar os meus estudos. (...) Eu vim para cá porque queria ter uma vida melhor. Eu em Portugal nunca fui de férias. (...) A minha mãe mudou-se para cá e eu tive de a seguir, mas não foi uma escolha minha, foi uma escolha dela. No entanto, achei que talvez fosse melhor aqui, por isso concordei em vir.

Esta questão remete para a discussão de Patricia Hill Collins sobre o lugar da família nas discussões sobre interseccionalidade onde destaca,

entre outras, a questão da relação contraditória entre igualdade e hierarquia. Analisando os ideais de família no contexto das populações negras norte-americanas, assinala como o ideal tradicional de família projeta um modelo de igualdade, enquanto na realidade «actual families remain organized around varying patterns of hierarchy» (Collins 1998: 64). Esta questão é relevante para pensar as narrativas onde a família surge sempre, seja como o fator desencadeador do percurso migratório ou o pano de fundo que o enquadra, mas onde relações constantes de troca e reciprocidade estão presentes – «individuals feel that they “owe” something to, and are responsible for, members of their families» (Collins 1998: 71).

No contexto italiano, Clara Silva e Maria de Lourdes Jesus, assinalam a mesma realidade para as jovens que, nos anos 1960 e 1970, vão integrar o fluxo migratório feminizado que caracterizará durante algum tempo, a realidade da migração cabo-verdiana naquele país:

Quem imigrava inicialmente eram mulheres jovens, solteiras e com uma instrução básica, ao mesmo tempo determinadas e com um projeto migratório preciso: melhorar a própria condição de vida e oferecer um apoio económico aos familiares no país de origem (2020: 141).

Ao analisar a diáspora cabo-verdiana, Grassi (2007: 47) refere ainda como o conceito de unidade familiar obedece a normas culturais específicas, uma vez que a categoria «familiares» inclui frequentemente pessoas que não são parentes por consanguinidade ou aliança matrimonial, mas com quem existem obrigações recíprocas criadas no âmbito de redes de apoio em Cabo Verde ou no estrangeiro. Simultaneamente, o contexto cabo-verdiano é etnograficamente próximo do contexto caribenho, não só em termos da configuração dos fluxos migratórios e das práticas transnacionais, como mencionado acima, mas também devido à prevalência de estruturas familiares flexíveis (Smith 1995; Trovão 2014) assim como discursos sobre a criouliização (Vale de Almeida 2007; Cidra 2021). Como Trovão (2016a: 243) salienta, «Cabo Verdean family structures have been simultaneously influenced by a patriarchal family model inspired by Catholic values and a family setting marked by the volatility of marital relations» onde predominam os padrões familiares de co-parentalidade, centralidade da relação mãe-filho e família alargada.

O contexto migratório assiste a uma reprodução destas configurações, tais como a matricentralidade, as famílias monoparentais e a centralidade da família alargada (Trovão 2014), articuladas através de práticas transnacionais frequentemente organizadas e dirigidas por mulheres. Fernanda, por exemplo, tem quatro irmãos do lado da mãe e dois do lado do pai. E a sua família nuclear é composta pelo marido, um cidadão senegalês, e pela filha de 23 anos<sup>(13)</sup>, que vive em Cabo Verde, à espera de obter a cidadania italiana para poder migrar para França. No que diz respeito ao peso da estrutura familiar, o discurso de Fernanda revela como a memória familiar se organiza em torno da matricentralidade: «A minha mãe ficou sozinha com os filhos, a minha avó ficou sozinha com os filhos porque o meu avô emigrou, foi para o Senegal e só regressou quando a minha mãe tinha 40 anos e a minha filha mais nova tinha 5 meses». As jornadas migratórias dos homens são assim calculadas pela idade dos filhos que deixam para trás, bem como pela idade que esses filhos têm quando regressam – filhos que são deixados aos cuidados das diferentes gerações de mulheres da família. Esta narrativa da hereditariedade feminina inclui um discurso que exalta a natureza épica da monoparentalidade no seio da família alargada, na qual as mulheres ocupam todos os papéis familiares disponíveis – «As mulheres cabo-verdianas são muito corajosas, [e] trabalhadoras; são mães, pais, avós, [tias e] tios, tudo, fazem tudo sozinhas» (Fernanda).

Simultaneamente, o projeto de migração, que é essencialmente económico, integra a retórica da independência económica individual, mas também os canais de ajuda à família alargada de mulheres, cuja figura central é a mãe. Fernanda, por exemplo, menciona como a sua decisão de migrar está ligada ao seu desejo de ajudar materialmente a mãe – «Vou para a Europa, vou trabalhar para “fazer” a casa da minha mãe. Esse era o meu sonho». Lobo, que estuda precisamente o lugar da casa no contexto migratório cabo-verdiano, enfatiza que «a casa é o locus das lembranças e das saudades, é um elo de pertencimento, um lugar de retorno e, por fim, um objetivo; afinal, emigra-se para construir uma casa» (Lobo 2020b: 288)<sup>(14)</sup>. Estas questões inserem-se

---

(13) Fernanda estava grávida quando se realizou a entrevista e, entretanto, deu à luz uma filha, em França.

(14) Sobre as especificidades da «migração de retorno» cabo-verdiana, ver Carling 2004 e Åkesson 2011. Para o impacto das remessas, ver Åkesson 2009.

nas importantes discussões em ciências sociais sobre a definição de «casa» em contexto migratório e diaspórico, uma «tensão criativa» (Brah 1996: 189) que Sara Ahmed resumirá como «‘homes’ always involve encounters between those who stay, those who arrive and those who leave» (Ahmed 1999: 340), acentuando a centralidade de um «lugar» que Brah designou como a «mythic place of desire in the diasporic imagination» (Brah 1996: 188). As autoras conferem centralidade à «casa» para lá da sua dimensão material, enaltecendo o seu lado simbólico, subjetivo, experiencial e emocional, também referido por Lobo para o contexto cabo-verdiano.

Quando emigrou para a Holanda, a mãe de Eugénia deixou quatro filhos em Cabo Verde, três raparigas e um rapaz. Eugénia era a mais nova de todos. Enquanto vivia na Holanda, a mãe foi levando alguns dos filhos para junto de si, primeiro as filhas e, mais tarde, o filho. As raparigas não têm o mesmo progenitor (e Eugénia tem ainda um irmão e uma irmã do lado paterno) e, embora os pais de todas vivessem em Cabo Verde, as crianças são entregues à avó materna, após a partida da mãe. Quando deixa Cabo Verde para se juntar à mãe e trabalhar na Holanda, Eugénia também já é mãe, de um rapaz que deixa na ilha aos cuidados da avó. Mais tarde, incapaz de estabelecer uma boa relação com a mãe – o que justifica pela longa ausência que marcou a sua relação –, Eugénia reemigra para França, seguindo o conselho de uma cunhada que aí vivia. Num olhar autorreflexivo sobre a sua vida familiar, Eugénia explica como sente que reproduziu o modelo em que foi criada: «Fiz o mesmo que a minha mãe, deixei o meu filho em Cabo Verde (...). Arrependo-me, porque hoje não temos uma boa relação (...) O meu filho também foi criado pela minha avó. Ela criou-me a mim e ao meu filho». Eugénia não só sente que reproduziu o modelo familiar, como também sofre as mesmas repercussões, tendo de gerir uma relação difícil com o filho que cresceu à distância<sup>(15)</sup>. Este relato insere a narrativa biográfica de Eugénia num continuum histórico, que vai ao encontro do que Ahmed refere como algo constitutivo do processo migratório, ou seja, «generational acts of story-telling about prior histories of movement and dislocation» (Ahmed 1999: 342). Nestes estão incluídos não só os indivíduos em mobilidade, mas o que «ficam para trás» e que permanecem membros das redes familiares que se estendem no

---

(15) O filho irá mais tarde juntar-se a ela em Paris para prosseguir tratamento hospitalar.

tempo e no espaço, integrando frequentemente trajetórias de circulação do «cuidado» que, no entender de Baldassar e Merla (2013: 6), devem permitir teorizar as famílias transnacionais como um formato de família contemporânea em si, assinalando a desvalorização da economia política da migração (idem: 8; Gardner, Grillo 2002), quando se trata do trabalho do «cuidado» prestado entre mulheres.

Os padrões de movimento de mães e filhos – estes últimos criados em diferentes países por outros familiares, geralmente avós, seguindo as diferentes jornadas migratórias dos pais, geralmente mães<sup>(16)</sup> – criam e desatam, ao mesmo tempo, os «nós» mencionados anteriormente, ou seja, os núcleos mais densos dessas famílias multipolares. Esta circulação capilar – mais densa ou mais lassa na sua frequência, mais intensa ou mais fraca na sua capacidade de manter laços de sociabilidade – alimenta, no entanto, continuamente esta mobilidade intraeuropeia e transcontinental de pessoas e bens.

Fernanda emigra para França com motivações de carácter económico, pois pretendia custear a renovação da casa da sua mãe em Cabo Verde, onde planeava regressar mais tarde para «ganhar a vida» fazendo negócios entre Cabo Verde e outros países, uma atividade económica muito comum e específica das mulheres conhecidas como «rabidantes» (Marques, Santos, Araújo 2001; Grassi 2003). No entanto, depois de regressar grávida de umas férias em Cabo Verde, reavalia a sua situação e decide que prefere que a sua nova filha usufrua dos benefícios de nascer em França. Assim, no novo cenário, planeia trazer a sua outra filha, o marido e a mãe para França, porque sente que agora tem de pensar na filha que vai nascer, à qual quer dar um «futuro melhor». É, portanto, Fernanda quem gere os fluxos migratórios da sua família, sendo uma parte fundamental dessa gestão não só a análise estratégica dos potenciais locais e países de nascimento dos filhos, como a sua capacidade de gerar recursos económicos – remessas de bens e dinheiro que envia para Cabo Verde. No entanto, como Lobo (2007: 178) adverte, esta questão deve ser analisada no seu contexto particular e através de uma compreensão semanticamente ampla do significado destas trocas económicas na vida

---

(16) Carling também salienta, a partir da sua investigação com famílias cabo-verdianas, que «When a Cape Verdean mother emigrates, it is generally her own, individual decision. It is also she who decides where her children will stay, within the limitations of available options» (Carling 2017: 9).

dos migrantes e das suas famílias, uma vez que as remessas<sup>(17)</sup> «não são só financeiras, mas incluem também um fluxo de laços emocionais, simbólicos e materiais» que garantem a manutenção da proximidade («relação») entre os familiares, através da solidariedade e da ajuda recíproca. Isto é particularmente relevante no caso das mulheres que deixam os filhos ao cuidado de familiares em Cabo Verde (id.), remetendo a dimensão económica da troca para as trajetórias de circulação do «cuidado» (Baldassar, Merla 2013: 6) já mencionadas anteriormente.

Estas trajetórias assumem também, por vezes, configurações complexas. Meintel (2002: 36) assinala como os percursos migratórios dos cabo-verdianos não são necessariamente diretos de um lugar para outro, envolvendo frequentemente vários lugares, em momentos diferentes, e processos de remigração em cadeia, sequenciais ou de ida e volta. O percurso de Fernanda revela precisamente essa multipolaridade de destinos que acompanham as redes familiares. Em França, as oportunidades oferecidas pelo mercado de trabalho levaram-na a deslocar-se internamente (Champigny – Champagne-Ardenne – Paris), seja de forma independente, seja ativando redes familiares que, na maioria dos casos, atuam como forças centrípetas que atraem novos membros da família ou aqueles que se deslocam entre vários destinos. Simultaneamente, a nacionalidade italiana deu-lhe acesso ao espaço europeu e a possibilidade de aí circular livremente.

O caso de Eugénia replica parcialmente o de Fernanda, mas o seu processo de remigração ocorreu dentro do espaço europeu (Holanda-França) e Eugénia não tem cidadania europeia. Do seu percurso também se destacam dois aspetos frequentes da migração feminina. Por um lado, a circulação de crianças para se juntarem aos pais, que migram num primeiro momento sem os filhos ou acompanhados apenas por alguns deles; por outro, o facto dessa circulação (ou imobilidade) ser gerida na esfera doméstica, onde as mulheres adultas (mães, avós, tias) desempenham um papel central e organizador.

Por fim, o caso de Eugénia assinala ainda uma situação específica, a da autorização para se deslocar por razões humanitárias, uma vez que

---

(17) Muitos destes são bens para uso pessoal ou doméstico, enviados por barco em bidões, e podem ser utilizados para consumo pessoal ou comercializados, no que é comumente referido como a «economia do bidon». Sobre este assunto, ver o documentário “Bidon: Nação Ilhéu” (2019) de Celeste Fortes e Edson Silva D – <https://www.youtube.com/watch?v=E01a70l49bw> .

o seu filho mais velho é levado para Portugal ao abrigo de protocolos de cooperação na área da saúde, para receber tratamento médico. Em Portugal, é acolhido por familiares de Eugénia que aí vivem e irá, mais tarde, juntar-se à mãe em França.

A migração por razões humanitárias constitui um campo de análise bastante relevante e que permite contrapor questões em torno da construção sociológica do migrante como «vítima», das políticas regulatórias entre Estados e do papel dos registos pós-coloniais neste âmbito, nomeadamente no quadro das políticas de «ajuda ao desenvolvimento». Mas, no caso em análise, apresenta apenas uma referência residual. O projeto migratório como projeto económico continua a ser o mais enfatizado nos relatos recolhidos. Seja para alcançar condições de vida materialmente mais vantajosas no país de imigração, seja para melhorar a situação pessoal ou familiar no país de origem, adquirindo uma casa, como já mencionado, ou resolvendo dificuldades económicas anteriores. Fátima assinala perentoriamente: «Eu vim para cá porque queria ter uma vida melhor» e descreve como em França, onde começa a trabalhar num restaurante / bar cabo-verdiano em Saint-Denis, o que ganhava dava à mãe para pagar as dívidas que esta ainda possuía em Portugal. Mais tarde, com o ex-companheiro, será co-proprietária de um restaurante «lusófono» em Paris, sendo atualmente proprietária da *épicerie* referida.

O sucesso financeiro destas mulheres, seja no mercado formal ou em atividades informais, confirma a ideia persistente na diáspora (Grassi 2007: 47) de que as mulheres têm mais capacidade do que os homens para gerir negócios e ter sucesso financeiro. Nesse sentido, as mulheres que migram para permitir ou potenciar a reprodução material e simbólica da sua família de origem ocupam uma posição central na organização familiar cabo-verdiana (Grassi 2007: 23). Segundo Grassi, esta é uma das razões pelas quais o «género», como categoria, pode ser um importante quadro interpretativo da sociedade cabo-verdiana e da sua diáspora, particularmente na análise dos «movimentos informais de mercadorias e pessoas organizados em redes transnacionais» (ib.).

Esta relação entre a sociedade de origem e a de destino não se encontra também desligada dos quadros coloniais e pós-coloniais já assinalados. Como refere Hansen, «(...) the vast majority of migration in the world remains heavily 'path-dependent', premised on colonial pathways and historical connections» (2014: 274). O percurso de Fátima está intimamente ligado aos processos de mobilidade colonial e pós-colonial

portuguesa. Os seus pais migraram para Portugal durante o período colonial e, mais tarde, a mãe de Fátima e os seus filhos remigram para França, impulsionados pela existência de redes sociais de acolhimento nesse país. Fátima entra em França como cidadã portuguesa, a única nacionalidade que possui. A sua pertença cabo-verdiana é afetiva e deve-se à ascendência familiar, sendo sustentada através da autoatribuição. Quando adolescente em Portugal, refere como se auto-questionou: «O que é que eu sou na minha identidade pessoal? Não me estava a situar. Os meus pais têm a pátria, mas eu, qual é a minha pátria? Então decidi: não, a minha pátria é a língua portuguesa, como o Fernando Pessoa disse, e mais nada».

A sua âncora na lusofonia não a isenta, no entanto, dos regimes de racialização portugueses que a migração leva consigo. Em França, quando abriu a sua *épicerie*, estas questões surgiram, refere: «Eu até me ri, eu até me ri, sabes porquê? Porque eu disse assim: “Fogo Fátima, tu tens uma grande lata, és pretinha negra e vais-te meter-se numa *épicerie* fina portuguesa”». Na sequência desse processo, começou a assumir uma identidade étnica pública. Numa entrevista a uma publicação portuguesa em França, autodenominou-se «luso-cabo-verdiana» dado que o seu tom de pele a obriga a antecipar as explicações sobre as suas origens étnicas, para além da sua nacionalidade jurídica ou identitária:

Isto é assim, eu nasci em Portugal, eu tenho a minha cultura que é portuguesa. E eu antigamente dizia que era portuguesa, mas agora nas minhas entrevistas digo sempre sou luso-cabo-verdiana. E porque é que eu digo isto? Quando eu fiz este espaço comercial, eu tenho um tom de pele que é diferente dos portugueses, não é igual, o meu tom de pele é escuro, então as pessoas dizem assim: “Não, tu não és 100% portuguesa, tu és de algum lado, tens origens”<sup>(18)</sup>.

Por fim, é importante ainda assinalar como o contexto etnográfico das mulheres cabo-verdianas permite abordagens comparativas com outros grupos de mulheres migrantes lusófonas em França, como pode ser visto no testemunho de uma das entrevistadas de Martine

---

(18) As questões aqui levantadas sobre os processos e regimes de racialização e sobre como a história de vida de Fátima aborda um conjunto de interrogações complexas sobre etnicidade serão desenvolvidas noutro texto.

Blanchard, na obra *Celles qui partent pour une terre lointane. Récits de femmes capverdiennes em France*: «En dehors des fêtes capverdiennes, je vais parfois à des grandes fêtes d’Africains lusophones où je rencontre des Anglais et des gens de São Tomé et Príncipe» (Blanchard 2017: 133). Esta «sociabilidade lusófona» também se encontra presente no mercado de trabalho, particularmente no que diz respeito aos homens que trabalham na área da construção civil (*Bâtiment et Travaux Public*) (Jounin 2004), mas também nos espaços de lazer (cafés, bares, etc.), nas associações de migrantes, bem como no domínio religioso, particularmente junto das paróquias católicas.

Paralelamente a este universo, deve-se considerar o domínio mais amplo das migrações africanas em França e a sua contribuição para a produção de pensamento crítico na área das ciências sociais. Não apenas sobre as questões que inicialmente foram colocadas pelos académicos e que visavam, sobretudo, as questões da etnicidade associadas à presença de trabalhadores migrantes no contexto da França metropolitana, mas também os processos de reunificação familiar e a feminização dos fluxos migratórios (Kuczynski, Razy 2009). Simultaneamente, as discussões sobre transnacionalismo e diáspora africana em França podem ser criticamente enriquecidas com a análise da experiência múltipla e complexa da presença colonial e pós-colonial cabo-verdiana na Europa nomeadamente, como neste texto se propôs demonstrar, integrando uma perspetiva de género diversificada e interseccional (Barou 2012).

## Conclusão

As três biografias apresentadas revelam múltiplos percursos migratórios, construções complexas de pertencimento e identidade, e a existência de redes familiares e sociais alargadas que possibilitam ou reforçam as escolhas e destinos migratórios.

O universo alargado de familiares e laços sociais transnacionais, juntamente com as trajetórias migratórias das suas famílias imediatas, permitiram a estas mulheres empreender a sua própria viagem. Na grande maioria dos casos, iniciando percursos de mobilidade internacional para visitar mães ou irmãos. A matrilinearidade e a matrilocalidade da sociedade cabo-verdiana refletem-se assim na dispersão geográfica da sua diáspora: mulheres que seguem mulheres para ajudar outras mulheres ou os seus

filhos. E, no sentido inverso, procuram apoiar economicamente as suas mães, muitas das quais permanecem em Cabo Verde para criar os netos. Estas redes transnacionais de mulheres devem assim ser estudadas, de forma concreta, nas suas especificidades e configurações próprias, assim como na sua articulação com as mobilidades masculinas – maridos, ex-maridos e pais – com as quais se cruzam.

Por fim, embora este texto se tenha centrado nesta migração feminina em França e na sua relação com o seu Estado nacional de origem – Cabo Verde –, o estudo da migração contemporânea apresenta uma multiplicidade de problemas metodológicos que vão para além desta uni ou bidirecionalidade clássica. Sendo essa questão particularmente evidente quando o foco é colocado no Estado-nação como contexto central para estudos empíricos sobre migração internacional, e na etnicidade como categoria dominante para a investigação empírica que, no caso da migração cabo-verdiana, nos coloca desafios específicos perante uma população que tem, historicamente, um elevado grau de mobilidade e de movimentos transfronteiriços. A necessidade de refinar as ferramentas associadas ao «transnacionalismo metodológico» (Amelina et al. 2013: 20) parece assim evidente quando se estudam populações como as de Cabo Verde, onde coexistem vários modelos de acesso à nacionalidade e à cidadania, com extensas redes de apoio familiar e social nas quais a múltipla travessia de fronteiras é frequentemente constitutiva e estrutural da vida familiar, não de forma unidirecional ou bidirecional, mas sim de forma capilar, através das diferentes redes de pertença.

## Bibliografia

- Ahmed, Sara (1999). “Home and away: Narratives of migration and estrangement”, *International Journal of Cultural Studies*, 2, 329-347.
- Ahrens, Jill, Kelly, Melissa, van Liempt, Ilse (2016). “Free movement? The onward migration of EU citizens born in Somalia, Iran and Nigeria Population”, *Space and Place*, 22, 1, 84-98.
- Åkesson, Lisa (2008). “The Resilience of the Cape Verdean Migration Tradition”, in Luís Batalha, Jørgen Carling (eds), *Transnational Archipelago. Perspective on Cape Verdean Migration and Diaspora*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 269-283.

- « — » (2009). "Remittances and inequality in Cape Verde: the impact of changing family organization", *Global Networks*, 9, 3, 381-398.
- « — » (2011). "Making Migrants Responsible for Development: Cape Verdean Returnees and Northern Migration Policies", *Africa Spectrum*, 46, 1, 61-83.
- Amado, Manuel (2019). *Instauração do Salazarismo em Cabo Verde (1926-1939)*. Dissertação apresentada para a obtenção do grau de mestre em História Contemporânea do Séc. XX, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- Amelina, Anna, Faist, Thomas, Nergiz, Devrimsel D. (eds.) (2013). *Methodologies on the Move: The Transnational Turn in Empirical Migration Research, Ethnic and Racial Studies*. London/New York: Routledge.
- Andrade, Elisa (1995). *As ilhas de Cabo Verde da "Descoberta" à Independência Nacional (1460-1975)*. Paris: L'Harmattan.
- Baldassar, Loretta, Merla, Laura (2013). "Introduction. Transnational Family Caregiving Through the Lens of Circulation", in Loretta Baldassar e Laura Merla (eds.), *Transnational Families, Migration and the Circulation of Care. Understanding Mobility and Absence in Family Life*. New York/London: Routledge, 3-24.
- Barou, Jacques (2012). "Les immigrés d'Afrique subsaharienne en Europe : une nouvelle diaspora ?", *Revue Européenne des Migrations Internationales*, 28, 1, 147-167.
- Basch, Linda, Glick Schiller, Nina, Szanton Blanc, Cristina (1994). *Nations Unbound: Transnational Projects, Postcolonial Predicaments and Deterritorialized Nation-States*. Luxembourg: Gordon and Breach.
- Bertaux, Daniel (ed.) (1981). *Biography and Society: The Life History Approach in the Social Sciences*. Beverly Hills/London: Sage.
- Blanchard, Martine (2017). *Celles qui partent pour une terre lointaine. Récits de femmes capverdiennes em France*. Paris: L'Harmattan.
- Brah, Avtar (1996) [1989]. *Cartographies of diaspora. Contesting identities*. Londres, New York: Routledge.
- Cardina, Miguel, Rodrigues, Inês Nascimento (2023). *O Dispositivo Mnemónico. Uma História da Memória da Luta de Libertação em Cabo Verde*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Carita, Cristina, Rosendo, Vasco (1993). "Associativismo cabo-verdiano em Portugal. Estudo de caso da Associação Cabo-Verdiana de Lisboa", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 13, 135-152.
- Carling, Jørgen (2003). "Cartographies of Cape Verdean transnationalism", *Global Networks*, 3, 4, 533-539.

- « — » (2004). "Emigration, Return and Development in Cape Vert: The impact of closing borders", *Population, Space and Place*, 10, 2, 113-132.
- « — » (2017). "On conjunctures in transnational lives: Linear time, relative mobility and individual experience", in E. Mavroudi, A. Christou, B. Page, (eds.), *Timespace and international migration*. Cheltenham: Edward Elgar, 33-47.
- « — », Åkesson, Lisa (2009). "Mobility at the Heart of a Nation: Patterns and Meanings of Cape Verdean Migration", *International Migration*, 47, 3, 123-155.
- « — », Batalha, Luís (2008). "Cape Verdean Migration and Diaspora", in Luís Batalha, Jørgen Carling (eds.), *Transnational Archipelago. Perspective on Cape Verdean Migration and Diaspora*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 13-31.
- Carreira, António (1982). *The People of the Cape Verde Islands. Exploitation and Emigration*. London: Ed. C. Hurst & Company.
- Castelo, Cláudia (1999). *O modo português de estar no mundo. O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*. Porto: Afrontamento.
- Challinor, Elizabeth (2018). "Cross-border citizenship: mothering beyond the boundaries of consanguinity and nationality", *Ethnic and Racial Studies*, 41, 1, 114-131.
- Cidra, Rui (2021). *Funaná, Raça e Masculinidade. Uma Trajetória Colonial e Pós-colonial*. Lisboa: Outro Modo.
- Collins, Patricia Hill (1998). "It's All In the Family: Intersections of Gender, Race, and Nation", *Hypatia*, 13, 3, 62-82.
- D'Hombres, Marie, Pons, Christophe (2014). *Globe-Trotters du Cap-Vert. Praia-Marseillhe via Lisbonne, Londres, Luxembourg, Brockton, Bissau, Dakar, etc.* Marseille: Éditions Gausсен.
- Diehl, J.-P., Duchemin, P., Fornesi, I., Lesourd, M. (1989). *Cap-Vert – Émigration internationale et transfert des émigrés – Rapport de phase I*. Paris: République du Cap-Vert – Ministère du Plan et de la Coopération – SEDES.
- Donato et al. (2006). "A Glass Half Full? Gender in Migration Studies", *The International Migration Review*, 40, 1, 3-26.
- Drotbohm, Heike (2020). "Care and reunification in a Cape Verdean family: Changing articulations of family and legal ties", *Ethnography*, 21, 1, 48-70.

- Évora, Iolanda (2007). “Minha gente, minha terra – As atribuições sociais do papel de emigrante”, in Marzia Grassi, Iolanda Évora (orgs.), *Género e Migrações Cabo-verdianas*. Lisboa: ICS, 63-98.
- Faist, Thomas (2010). “Diaspora and transnationalism. What kind of dance partners?”, in Rainer Bauböck, Thomas Faist, *Diaspora and Transnationalism: Concepts, Theories and Methods*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 9-34.
- Ferraz de Matos, Patrícia (2006). *As Côres do Império. Representações Raciais no Império Colonial Português*. Lisboa: ICS.
- Fikes, Keshia (2009). *Managing African Portugal. The Citizen-Migrant Distinction*. Durham/Londres: Duke University Press.
- Geertz, Clifford (1973). *The Interpretation of Cultures: Selected Essays*. New York: Basic Books.
- Góis, Pedro (2006). *Emigração Cabo-verdiana para (e na) Europa e a sua inserção em mercados de trabalho locais: Lisboa, Milão, Roterdão*. MA dissertation in Sociology, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Ed. ACIME.
- Grassi, Marzia (2003). *Rabidantes. Comércio Espontâneo Transnacional em Cabo Verde*. Lisboa: ICS.
- « — » (2007). “Cabo Verde pelo Mundo: o género na diáspora cabo-verdiana”, in Marzia Grassi, Iolanda Évora (orgs.), *Género e Migrações Cabo-verdianas*. Lisboa: ICS, 23-61.
- « — », Évora, Iolanda (2007). “Introdução”, in Marzia Grassi, Iolanda Évora (orgs.), *Género e Migrações Cabo-verdianas*. Lisboa: ICS, 13-22.
- Green, Nancy L. (2012). “Changing Paradigms in Migration Studies: From Men to Women to Gender”, *Gender & History*, 24, 3, 782-798.
- Hansen, Thomas Blom (2014). “Migration, religion and post-imperial formations”, *Global Networks*, 14, 3, 273-290.
- Héran, François (2016). *Parlons immigration en 30 questions*. Paris: La documentation Française.
- Jounin, Nicolas (2004). “L’ethnicisation en chantiers. Reconstructions des status par l’éthnique en milieu de travail”, *Revue européenne des migrations internationales*, 20, 3. <https://doi.org/10.4000/remi.2025>
- Kuczynski, Liliane, Razy, Élodie (2009). “Anthropologie et migrations africaines en France : une généalogie des recherches”, *Revue Européenne des Migrations Internationales*, 25, 3, 79-100. <http://remi.revues.org/4988>
- Lesourd, Michel (2005). “La diaspora capverdienne et son role dans l’archipel du Cap-Vert”, *Hommes et Migrations*, 1256, Juillet/Août, 52-65.

- Lobo, Andréa de Souza (2007). “Tão longe e tão perto. Emigração feminina e organização familiar: Boa Vista – Cabo Verde”, in Marzia Grassi, Iolanda Évora (orgs.), *Género e Migrações Cabo-verdianas*. Lisboa: ICS, 169-191.
- « — » (2020a). “The challenges of making family at a distance. Some reflections on migrations and family dynamics in Cape Verde”, *Análise Social*, 237, LV, 840-866.
- « — » (2020b). “Entre a casa e o mundo. Pertencimentos e mobilidades na sociedade Cabo-Verdiana”, *Lusotopie*, 19, 285-313.
- Lucassen, Jan, Lucassen, Leo, Manning, Patrick (2010). “Migration History: Multidisciplinary Approaches”, in Jan Lucassen, Leo Lucassen, Patrick Manning (eds.), *Migration History in World History. Multidisciplinary Approaches*. Leiden/Boston: Brill, 3-35.
- Mahler, Sarah, Pessar, Patricia (2006). “Gender Matters: Ethnographers Bring Gender from the Periphery toward the Core of Migration Studies”, *The International Migration Review*, 40, 1, 27-63.
- Marques, Margarida, Santos, Rui, Araújo, Fernanda (2001). “Ariadne’s thread: cape verdean women in transnational webs”, *Global Networks*, 1, 3, 283-306.
- Meintel, Deirdre (2002). “Cape Verdean Transnationalism, Old and New”, *Anthropologica*, 44, 1, 25-42.
- Neto, Sérgio (2008) “Insularidade, idiossincrasias e imaginação: representações de Cabo Verde no pensamento colonial português”, in Luís Reis Torgal, Fernando Tavares Pimenta, Julião Soares Sousa (coords.), *Comunidades Imaginadas. Nação e Nacionalismos em África*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 181-192.
- Oca, Luzia (2015). *Caboverdianas en Burela (1978/2008). Migración, relacións de xénero e intervención social*. Santiago de Compostela: Sotelo Blanco.
- Pereira, Victor (2014). *A Ditadura de Salazar e Emigração. O Estado Português e os seus Emigrantes em França (1957-1974)*. Lisboa: Temas e Debates.
- Silva, Clara, Jesus, Maria de Lourdes (2020). *Cabo-Verdianas de Itália. Histórias de vida e de inserção à maneira feminina*. Lisboa: Rosa de Porcelana.
- Smith, Raymond T. (1995). *The Matrifocal Family: Power, Pluralism, and Politics*. London: Routledge.
- Tavares, Marlon (2018). *Les frontières ethniques au sein de la Lusophonie em Île-de-France: Analyse des mécanismes d’attraction et de répulsion dans les modes d’interaction et dans les processus de construction identitaire*

- des Cap-Verdiens et des Portugais en Île-de-France*. Mémoire de Master 2 em Sociologie et Anthropologie: Politique, Culture, Migrations, Université Paris-Diderot Paris VII.
- Trovão, Susana Salvaterra (2014). "Comparing Transnational and Local Influences on Immigrant Transnational Families of African and Asian Origin in Portugal", *Journal of Family Issues*, 1-25.
- « — » (2016a). "Culture, ambivalence, and schismogenesis: Mothering double binds and gendered identities within Cape Verdean and Indian migrant families (Portugal)", *Culture and Psychology*, 22, 2, 232-253.
- « — » (2016b). "Religion and the intergenerational dynamics of citizenship: A comparison between African and Indian migrant families", *European Journal of Women's Studies*, 24, 3, 1-15.
- Vale de Almeida, Miguel (2007). "From Miscegenation to Creole Identity. Portuguese Colonialism, Brazil, Cape Verde", in C. Stewart (ed.), *Creolization: History, Ethnography, Theory*. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 108-132.
- Vieira, Francine (1997). *La Diaspora capverdienne et ses pratiques communautaires, le cas de la communauté capverdienne en France*. Bordeaux: Centre d'Étude d'Afrique Noire de l'Institut d'Études Politiques, mémoire de DEA.
- Vieira, Francine (1998). "La "cabo-verdianidade" entre mythe et réalité. Déconstruction identitaire ou condition minoritaire parmi les migrants capverdiens em Europe?", *Lusotopie*, 5, 55-65.